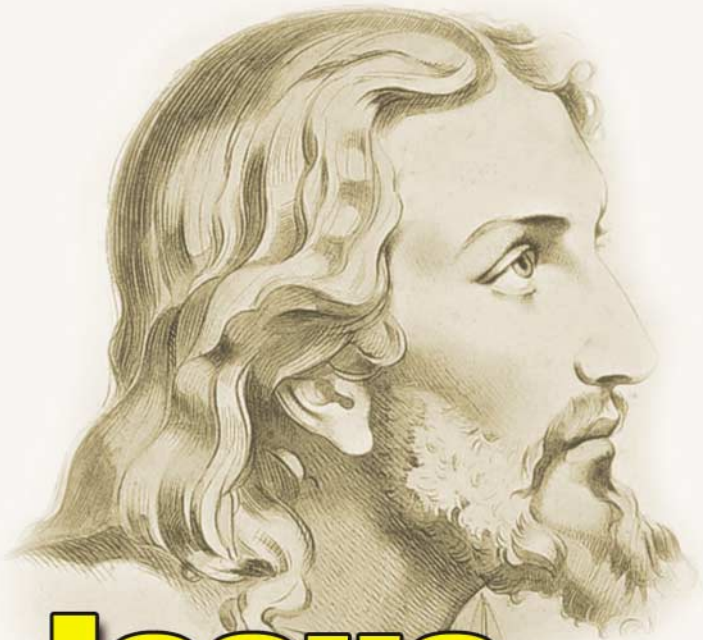


editora
escala

coleção
Sem Mistérios

04



Jesus e o Espiritismo

Editora **Editor e Diretor de arte:** Victor Rebelo
Jornalista: Érika Silveira

Rua Curupira, 101 - Mooca - CEP 03179-140 - São Paulo - SP
Fone: (11) 6605-4651 - rcespiritismo@terra.com.br

PROGRAMA

Música & Mensagem

Apresentação
Victor Rebelo

Espiritismo, músicas,
entrevistas, auto-ajuda
e estudo das religiões

Aos sábados,
Às 16 horas
Rádio Mundial
95,7 FM (SP)

ouça pelo site www.rcespiritismo.com.br

Revista Cristã de
ESPIRITISMO

Nas bancas de todo Brasil

Jesus e o Espiritismo

Textos dos
colaboradores da
Revista Cristã de Espiritismo

Entrevistas realizadas pelo site
www.irc-espirtismo.com.br

Índice

1ª Parte - Entrevistas

1 - Falando de Jesus	13
2 - As parábolas de Jesus	25
3 - O consolador prometido	29
4 - A reencarnação na Bíblia	39
5 - O Céu e o Inferno	53
6 - O natal	63
7 - As curas de Jesus	79

2ª Parte - Textos

1 - O lado esotérico do Cristianismo	89
2 - Os essênios e o Cristianismo	105
3 - O poder da Fé	117

O Espiritismo (página 128)
Trecho da introdução de
O Evangelho Segundo o Espiritismo

Introdução

Neste quarto volume da Coleção Sem Mistérios apresentamos ao leitor o tema Jesus e o espiritismo, que encerra a série que aborda exclusivamente a doutrina espírita.

A doutrina espírita é uma religião? Se for uma religião, pode ser considerada cristã?

Primeiramente, temos que partir do princípio de que religião vem do termo *religare*, que significa religar, assim como o termo sânscrito *yoga*, que significa união. Mas união com o quê?

União com nosso Eu Superior, nossa natureza verdadeira (como diz o budismo), nosso atman (hinduísmo), nosso Cristo Interior ou, finalmente, com nossa Centelha Divina (espiritismo). Ou seja, a proposta da religião é nos mostrar como despertar a natureza Divina que existe em nós. Portanto, sob este aspecto, o espiritismo pode ser considerado uma religião.

Quando Jesus veio à Terra, Ele não tinha o objetivo de acabar com as religiões já estabelecidas. Veio esclarecer certos pontos que foram deturpados ao longo dos anos. Para isso, exemplificou em sua vida diária todo poder e bondade que um ser iluminado já conquistou. Mais que isso: nos ensinou que também temos a capacidade de vivenciarmos toda essa Luz, que somos igualmente Filhos de Deus e que Ele é apenas um dos nossos irmãos mais velhos.

A doutrina de Jesus é de caráter universal. Muitas coisas que ele ensinou, Buda, por exemplo, já tinha ensinado séculos antes. Portanto, o espírito de sectarismo e fanatismo não partiu de Jesus, mas de muitos daqueles que se dizem cristãos, mas atacam a religião alheia.

O espiritismo adota como conduta exemplar de vida a do Mestre de Nazaré. Primeiro, porque é considerado uma continuação do próprio cristianismo, o “Consolador Prometido”. Segundo, porque sua força está no Ocidente, região do planeta mais influenciada pelos ensinamentos cristãos.

Mas isso não significa que o espírita não possa estudar os ensinamentos de outras doutrinas, como o Taoísmo, hinduísmo etc. Não só pode como deve, pois como eu já disse, os ensinamentos de Jesus são universais, pois a fonte é uma só: Deus. E o espírita é um livre-pensador que deve estudar de tudo, fazendo uso, como disse Allan Kardec, de sua fé raciocinada.

Nosso objetivo com este livro não é diminuir a realza espiritual e os méritos de Jesus, mas mostrar que a todos está reservada a herança Divina. “Vós sois deuses!”, disse Jesus.

O espiritismo é cristão, sem ser sectarista, pois os ensinamentos de todos os mestres são iguais em sua essência.

Que a tolerância religiosa esteja entre nós!

Victor Rebelo
Editor

1ª parte

Perguntas e
respostas

Falando de Jesus

Entrevista com Ana Guimarães

Ao longo do tempo, a figura extraordinária de Jesus tem suscitado as mais diversificadas elaborações de temas. Perto de 65 mil livros já foram escritos sobre ele, sem contar as reportagens, poemas, artigos, pesquisas etc. E percebemos que o tema é inesgotável.

A época que Jesus escolheu para vir à Terra era realmente difícil. Os povos se digladiavam em guerras que pareciam intermináveis e o povo de Israel, que iria lhe receber, encontrava-se sob dominação romana. As notícias a respeito de sua chegada não são tão conhecidas pelas pessoas como deveriam ser, muitos acreditam que somente o Velho Testamento traz as profecias sobre isso. Porém, na realidade, à medida em que velhos povos vão sendo reti-

rados do ostracismo do passado, descobre-se que já se falava de um ser especial que viria e os velhos templos traziam referências ao fato.

Todos o reconheceram. Quando dizemos todos, não nos referimos aos homens em si, porque estes não o identificaram, mas falamos daqueles que tiveram oportunidade de encontrá-lo, pessoas pertencentes a várias camadas sociais que, inspiradas pelo mundo espiritual ou pela personalidade notável de Jesus, reconheceram-no imediatamente. Não tiveram dúvida alguma a respeito do filho de Deus.

Jesus deixou um código de respeito a Deus e às criaturas de uma forma geral. Suas palavras ressoam com força e vigor na alma de muitos, mas, ainda assim, vários de seus ensinamentos profundos permanecem quase inatingíveis pela maioria das pessoas, talvez porque não parem para analisá-los. Ao estudarmos a assertiva de que “os mansos herdarão a Terra”, isso pareceria uma

coisa inadmissível, já que vemos a violência se multiplicar e os violentos parecerem vitoriosos, além de lembrarmos de homens poderosos do passado, que dominaram territórios, subjugaram e escravizaram povos, mas se perderam nas páginas da história, como Átila, Alarico, Alexandre e Júlio César. Só que isso não é a expressão da verdade. Pensemos, por exemplo, em um Francisco de Assis, imortal em sua mansuetude, pureza e bondade, bem como reconhecido em todos os quadrantes de nosso planeta, para depois ouvirmos Jesus falando que “os mansos herdarão a Terra”. Ou seja, ao lembrarmos de figuras extraordinárias no campo do bem, que tiveram, como únicas posses, um coração gentil e um cérebro voltado para a construção do amor na Terra, observamos que as palavras de Jesus continuam atuais.

Quando Jesus diz que “é o caminho, a verdade e a vida”, o que fica para nós é que seus convites estão mais atuais do que nunca. Diante de tanta violência, tanto or-

gulho e personalismo, temos de pensar no gentil chamado que Ele nos fez, pedindo que “amemos uns aos outros como eu vos amei”.

Jesus é um espírito que já era perfeito antes da fundação do mundo. Não seria um modelo muito distante da nossa realidade para tentarmos alcançar?

Não, não é tão distante assim. Segundo Emmanuel, a Terra realmente foi organizada por Jesus e por um grupo de espíritos afins. A lei de amor aqui estabelecida é dele e toda a Terra está envolta nela, respiramos isso em todas as nossas reencarnações.

Por que as religiões tradicionais insistem em transformar Jesus em Deus se ele nunca disse sê-lo, mas sempre que era o “mensageiro”, o “filho”, o “enviado”?

Exatamente para mantê-lo distante. As pessoas o glorificam, idolatram e ficam temerosas de segui-lo. Porém, o Espiritismo



Jesus deixou um código de respeito a Deus e às criaturas de uma forma geral.

Suas palavras ressoam com força e vigor na alma de muitos, mas, ainda assim, vários de seus ensinamentos profundos permanecem quase inatingíveis pela maioria das pessoas

apresenta o Jesus real, o amigo, o condutor, o pastor amado. E nós somos as suas ovelhas.

Mas há a necessidade de ser perfeito para poder ter participado da formação do sistema? Segundo *O Livro dos Espíritos*, o espírito perfeito não está mais sujeito à reencarnação e nem há condições para tal. Será que isso não é mais uma tentativa de endeusar Jesus?

É uma questão de semântica, podemos utilizar a palavra que a gente quiser, espírito puro, perfeito. Na Terra, os espíritos que estão sujeitos à reencarnação são os errantes, ou seja, todos nós. Temos necessidade desse retorno, mas isso não quer dizer que apenas nós reencarnamos na Terra. Os missionários reencarnam na Terra por amor e não são mais espíritos errantes. São nomes como Siddhartha Gautama, o Buda, Krishna, Confúcio, Gandhi, entre outros, que, assim como Jesus, também não esta-

vam sujeitos à reencarnação, mas vieram mesmo assim.

Humilde como todo bom espírito deve ser, Jesus poderia ter dito a frase “eu sou o caminho, a verdade e a vida” na primeira pessoa? Não teria ele dito isso sobre o Pai que o enviou e, posteriormente, a frase ter sido alterada pela insistência em se dizer que Jesus é Deus?

Não existe nenhum tipo de vaidade nessa frase, porque Jesus realmente é o caminho, toda a sua vida foi um roteiro de como deveríamos proceder, o mapa que ele deixou na Terra. Então, é ele o caminho e todos eles levam a algum lugar, que, no caso, é Deus. Assim, fica bem demonstrado que Jesus não é Deus, porque se ele é o caminho, então, o objetivo é outro.

Se tomarmos como base a hipótese ou o fato de que Jesus era perfeito na época que voltou à carne, por que temos uma pe-

quena variedade de comportamentos nele, como os “vendilhões do templo”, que revela uma certa fúria, ou o “por que me abandonaste” dito a Deus na cruz, mostrando alguma fraqueza, ao mesmo tempo em que apresentava uma mansuetude no geral?

A respeito da perfeição dele na época da construção da Terra, não é uma hipótese, porque se Jesus trabalhou na organização da vida terrena, já possuía os valores relativos ao nosso entendimento. Quanto à questão dos vendilhões do templo, não podemos levar ao pé da letra o que está escrito. Recordando o fato de que Jesus falava em aramaico, uma língua muito pobre em vocábulos, e que o que temos hoje representa uma síntese, feita por São Jerônimo, de todos os escritos que foram recolhidos sobre ele, então não podemos falar em fúria. Sobre a fraqueza, na verdade, Jesus recitava um salmo de Davi naquele momento, era a hora da prece. Portanto, não existe variedade de comportamento nele, Jesus era

austero sem subjugar as pessoas, era respeitado e amado, como são as grandes almas voltadas para o bem.

Temos relatos sobre a infância de Jesus até por volta dos 12 anos de idade e, em seguida, encontramos um período não esclarecido de sua vida, que vai até próximo dos 30 anos. Existem relatos escritos sobre estes “anos desaparecidos”? O que ele teria feito nesse período?

O evangelho realmente só se refere a Jesus na infância e em sua última aparição, aos 12 anos, no templo de Jerusalém. Depois, ele reaparece como homem feito. Todos os relatos que são feitos do período do desaparecimento são hipotéticos. O que sabemos a respeito é o que os espíritos nos dizem, isto é, que Jesus levou uma vida normal.

Há alguma informação no sentido de que Jesus voltará a encarnar, como afirmam outras religiões?

Não há nenhuma notícia de que Jesus voltará a encarnar, mas ele prometeu que prepararia um lugar para todos e que era o caminho que conduziria para esse local.

Que conclusão podemos tirar do fato de Jesus ter ressuscitado depois de três dias?

Trabalhando na organização do planeta, Jesus conhecia as leis que o regem. Se hoje nós temos médiuns que se desmaterializam e voltam a se materializar, equivalendo a dizer que há uma desagregação molecular, ou também fenômenos de transporte, com a matéria transpondo-se através de matéria, sem que haja ainda uma explicação de nossa ciência para isso, Jesus podia manipular a matéria conforme a sua vontade. Aliás, foi o que aconteceu em Nazaré. Ele estava sendo pressionado pela multidão para um precipício, então simplesmente desapareceu e ressurgiu junto aos discípulos, que estavam atrás dela. Sem contar quando caminhou sobre as águas,

no fenômeno de levitação. E se Jesus podia curar cegos, aleijados e leprosos ou expulsar espíritos, poderia fazer o que quisesse com seu próprio corpo.

Jesus precisou contar com o apoio de espíritos desencarnados durante o tempo em que esteve aqui na Terra?

Ele é o senhor dos espíritos, então, todos nós o servimos. Vendo dessa forma, ele precisa da gente, não é? Portanto, cada vez que você é convocado para ser atencioso com alguém, ser gentil com seus pais e irmãos, alimentar um faminto ou atender um enfermo, você está a serviço de Jesus.

As parábolas de Jesus

Entrevista com Iole de Freitas

Por que Jesus utilizava-se de Parábolas ao invés de falar ao povo de maneira direta?

Parece-me que toda a narrativa de um fato externo a nós mesmos, mas referente às nossas próprias vivências facilita-nos o entendimento porque é sempre mais fácil enxergarmos as dificuldades nos outros, em acontecimentos externos do que em nós mesmos. Por outro lado, colocações diretas de ordem moral, muitas vezes nos bloqueiam o entendimento por repercutirem de maneira vigorosa em nossas almas. Assim, mais fácil é termos uma narrativa para mediar o impacto da verdade que a reflexão nos traz.

Quer dizer então que as parábolas são histórias de nós mesmos?

As parábolas se referem a situações morais que espíritos como nós, ainda habitando num mundo de provas e expiações atravessam.

E o que poderia comentar a respeito da Parábola do Festim de Bodas?

Nesta Parábola, parece-me que uma das questões mais importantes é a da indicação das sublimes faculdades mediúnicas de Jesus ao transformar a água em vinho atendendo um pedido de Maria, Ele atesta a possibilidade de seu espírito de, agindo como Médiunidade de Deus, atuar sobre a matéria - a água - transformando-a em sua composição para que isto resultasse em benefício de tantos. A mediunidade de Jesus atua com clareza nas mais diversas áreas : na cura física ou espiritual, na transfiguração, no fenômeno do caminhar sobre as águas, sempre com o intuito de estimular a nossa fé em Deus e sanar as nossas dores, na medida das nossas necessidades espirituais, o

que ocorre até hoje e, sabemos, continuará a ocorrer através dos séculos. Esta Parábola é a indicação viva do capítulo XXVII de “O Evangelho Segundo o Espiritismo : “ PEDI E OBTEREIS “ .

As parábolas não serviriam para deixar certos entendimentos para um momento em que o homem, no futuro, pudesse compreender coisas que na época de Jesus não seriam entendidas?

Me parece que elas vieram facilitar o nosso entendimento sobre as dificuldades morais que nós atravessamos há tantos séculos. As chagas morais, as dúvidas e mesmo as virtudes nascentes de espíritos, ainda no início de sua escalada evolutiva, como nós que viemos encarnando na Terra, são o alvo da atenção das parábolas. Considerando a possibilidade de constante progresso das almas, sabemos que hoje temos melhores condições de compreendermos e aplicarmos os ensinamentos do Mes-

tre Jesus, mas considerando as nossas necessidades morais atuais podemos perceber que se crescemos em valores intelectuais, ainda continuamos a engatinhar quanto aos valores morais, numa medida bastante semelhante a da época de Jesus.

O Consolador prometido

Entrevista com Nara Coelho

Um novo “messias” poderia vir à Terra, nos dias atuais, no papel de Consolador Prometido?

Não haveria necessidade. O retorno de Jesus se fez por meio da doutrina espírita que é justamente o Consolador que Ele prometeu.

Não é muita pretensão de nossa parte chamarmos o Espiritismo de o “Consolador Prometido” por Jesus?

Por quê? Se o Espiritismo nos dá todas as respostas capazes de sossegar o nosso coração, de falar ao nosso entendimento, preenchendo as lacunas deixadas pela cultura humana; se o Espiritismo preenche todas as expectativas anunciadas por Jesus por

ocasião de sua passagem entre nós; se o Espiritismo nos diz de onde viemos, para onde vamos e o que estamos fazendo na Terra e, mais do que isso, nos ensina como viver. Dizer que seria pretensão nossa seria considerar pretensiosas várias afirmativas do Mestre, dentre elas a que Ele se disse o caminho, a verdade e a vida.

Tendo a certeza de que Jesus é o messias, como ficam os que não o conhecem ainda?

Acredito que ficam entre aqueles que virão a conhecê-lo. Mas, de qualquer maneira, já foram beneficiados pelos melhoramentos que o mundo recebeu a partir do advento do Cristianismo.

O Espiritismo é considerado a Terceira Revelação (após as revelações de Moisés e Jesus). Que dizer das demais revelações surgidas em outros povos, em outras épocas (China, Índia, Tibete, etc)?

Essas revelações do mundo oriental concentram ensinamentos que também participam das três revelações citadas. A verdade é uma só: está contida em todos os ramos do conhecimento humano, só que nós, os homens, temos o mau hábito de deturpar esses ensinamentos com os nossos próprios erros. Isto é, materializamos o que é espiritual. Como espíritas sabemos que ninguém está abandonado. Em qualquer parte do mundo somos espíritos em evolução.

Qual o sentido exato da expressão: “...porque ele ficará convosco e estará em vós”, usada por você na introdução que fez ao tema?

O Consolador, que é a complementação dos ensinamentos de Jesus, na ocasião apropriada, ficará entre nós eternamente. Essa mensagem que nos instrui o espírito é fonte inesgotável de aprendizado.

O que devemos entender por “No prin-

cipio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus... E o verbo se fez carne e habitou entre nós...”(na introdução do Evangelho de João)? Será Jesus Deus, como querem os cristãos em geral, ou será ele o “Filho unigênito de Deus”, como se vê em várias partes do Novo Testamento?

Jesus cansou de afirmar que era filho de Deus. Em diversas partes do Evangelho Ele se refere às ordens que recebeu de Deus. Não há dúvida quanto a individualidade do Mestre. Tampouco Ele é unigênito. Eis que existem muitos espíritos do nível de Jesus por esse Universo infinito.

Que Jesus nos ama, não resta dúvida, pois nos deu inúmeras demonstrações; entretanto, como nós poderemos, também por nosso turno, darmos o testemunho de amor a Ele?

Isso é muito importante. Amamos a Jesus quando nos esforçamos para seguir-lhe os ensinamentos. Amamos a Jesus quando luta-

mos para vencer as nossas más tendências. “Tomamos da nossa cruz e o seguimos” por meio da exemplificação que pudermos realizar.

Qual é o significado de Messias, Cristo, Jesus Cristo?

Messias significa o mensageiro de Deus. O que traz um recado de Deus. Cristo é o pensamento grego infiltrado no Cristianismo, mitificando um espírito cuja diferença reside na sua iluminação. É muito importante essa pergunta porque, como espíritas, precisamos trabalhar para restituir a Jesus o valor que lhe cabe. Precisamos, mesmo como espíritas, tirar o cunho igrejeiro que envolve a personalidade de Jesus, muitas vezes anulando-a. Jesus é o nosso irmão mais velho, mais experiente, mais iluminado.

O que podemos e devemos fazer, considerando que realmente o Espiritismo é o Consolador Prometido por Jesus?

Exemplificar. Acima de tudo, ter muita coragem para seguir os ensinamentos de Kardec, porque são eles que nos trazem de volta à lógica e à praticidade dos ensinamentos libertadores do Mestre. Mas, repito, precisamos ter coragem para não permitir que interferências “externas” influenciem na nossa exemplificação. Como nos disse Emmanuel: Cristianismo significa Cristo em nós.

Como conciliar a moral e os ensinamentos de Jesus (se alguém lhe bater na face...), de mansidão e não-violência, com o momento atual? Não estaríamos criando ovelhas para entregá-las aos lobos?

Não! Tais ensinamentos dizem respeito a nossa compreensão para com aqueles que ainda atuam na faixa da violência. Cabe-nos, com o conhecimento da doutrina espírita, melhorarmos de tal maneira a nossa faixa vibratória que nos coloquemos distantes da violência. E, além disso, trabalhar sempre para contagiar a todos que convi-

vem conosco com a compreensão de quem sabe que é responsável pelo próprio futuro, para que também eles sejam estimulados à não-violência.

No futuro teremos só uma religião ou crença?

Na verdade, Jesus não veio trazer-nos nenhuma religião. Até a palavra cristianismo foi invenção dos homens. Jesus (assim como outros mestres iluminados) veio nos exemplificar a Verdade, que um dia será conquista de todos.

Jesus teria passado por muitas encarnações para evoluir e chegar ao grau evolutivo em que se apresentou a nós ou terá ele sido criado diferente dos outros homens, já cheio de conhecimentos e sabedoria?

Claro que passou por muitas encarnações em outros planetas. Por isso Ele tem moral para nos ensinar. Para nos concitar a

segui-lo. Ele sabe, por experiência própria, qual o melhor caminho, qual a melhor forma de agir. Por isso, pode nos ensinar. Além do mais, com o Espiritismo sabemos que não existe privilégios nas Leis de Deus e entendemos porque o Mestre nos disse que poderíamos fazer tudo o que Ele fazia e muito mais ainda.

O Espiritismo realmente nos desperta a mente para a profundidade dos ensinamentos de Jesus. É importante que nunca nos cansemos de estudá-lo. E mais ainda, que estudemos tudo o que estiver ao nosso alcance para fortalecer a nossa convicção espírita. O Espiritismo não pode ser contaminado pelo fanatismo, o que é sempre mais fácil quando não estudamos. Estar sempre em dia com os preceitos de Kardec para que recusemos informações que contradigam a codificação. Com o Espiritismo, Jesus desceu da cruz, matou a morte e nos proporciona um destino de responsabilidade, mas de liberdade. Somos artífices do nosso fu-

turo. Não precisamos ser “santos” para segui-lo, mas precisamos ter determinação e vontade de atuar no bem. Jesus apresentando-nos o Espiritismo através do Espírito da Verdade, cortou-nos os grilhões com o passado, permitindo-nos desvendar um horizonte cheio de luz e paz que já podemos vislumbrar nas pequenas alegrias que conseguimos atingir através do esforço no bem.

Areencarnação na Bíblia

Entrevista com Sérgio Aleixo

Onde especificamente está mencionada a reencarnação, na Bíblia?

A palavra “reencarnação” não se encontra nas escrituras, mas na cultura judaico-cristã. Havia o conceito de ressurreição, que, em muitos casos, é justamente o que chamamos hoje de “reencarnação”. Só para citarmos o caso mais inquestionável de reencarnação, lembraríamos da afirmação de Jesus, no capítulo 11, v. 10, do Evangelho segundo São Mateus: “Ele mesmo é o Elias que há de vir”, disse Jesus a respeito de João Batista. Aliás, a referência correta é Mateus, cap. 11, vv. 12 a 15.

O Gnosticismo afirmava que a

ressureição deveria ser entendida de modo simbólico. Pregavam a reencarnação antes de Jesus. Há alguma evidência de que os Apóstolos maiores admitiam a reencarnação?

Sim. Como citamos nas considerações iniciais, a epístola aos hebreus, em seu capítulo 11, vv. 35 e 36, diz que “mulheres receberam seus mortos pela ressurreição”. Falando ainda sobre resgate, provação e livramento, o que só se pode aplicar à reencarnação. A epístola aos hebreus é tradicionalmente atribuída a Paulo, embora se saiba hoje que é mais provável não ser de sua autoria direta, mas com marcantes influências.

Muitos afirmam que se a reencarnação existisse, Jesus teria sido mais claro, não deixaria sob a necessidade de interpretação. Ou seja, teria dito sobre a reencarnação como o faz o Espiritismo. Como você analisa este entendimento?

Aconselho a leitura atenta do Evangelho Segundo São João, no seu capítulo 16, v. 12, onde Jesus, pessoalmente, afirma a seus discípulos: “Teria ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora”. Prova mais que evidente da necessidade de aguardar-se a evolução da humanidade, a fim de que pudesse suportar certos conteúdos que não poderiam ser franqueados ao entendimento limitado da época.

Por que é tão difícil para a Igreja aceitar a reencarnação?

Seu caráter extremamente subversivo aos preconceitos étnicos, culturais e sociais vigentes, já que o rico de hoje pode ser o pobre de amanhã; o branco de hoje pode ser o negro de amanhã. Também, no que diz respeito aos dogmas tradicionais, que não são articuláveis à reencarnação. O inferno, por exemplo, deixaria de existir na sua consideração habitual para se tornar

apenas um estado de consciência, que pode ser superado sem as mediações institucionais humanas. Disse o Mestre: “O Reino de Deus está dentro de vós” - Lucas, 17:21.

Podemos dizer que a humanidade entenderá a reencarnação sem necessariamente se tornar espírita?

Sem dúvida! Vejam os casos de Brian Weiss e Patrick Drouot, que afirmam a reencarnação por bases científicas, sem nunca ter ouvido falar de Kardec. Vale lembrar que o Espiritismo está fundamentado nas leis naturais que transcendem etnia, religião, etc.

Existe algum movimento da Igreja no sentido de reconhecer a reencarnação como fato inconteste?

O que sabemos é que eles aceitam, na alta teologia, a reencarnação. Não sabemos, porém, se, entre os adeptos, existe movimento nesse sentido, não sabemos. O fato, porém, é que a verdade triunfará.

Como podemos entender as chamadas pragas “impostas” por Moisés, na tentativa de libertar o povo hebreu da escravidão no Egito? Principalmente a última praga, da morte dos primogênitos?

Acreditamos que boa parte das informações bíblicas e evangélicas, até mesmo, estão revestidas por um discurso mitológico, o que quer dizer que representam lendas, conteúdos do ideário popular sem nenhuma base na realidade.

Jesus, pessoalmente, afirma a seus discípulos: “Teria ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora”. Prova mais que evidente da necessidade de aguardar-se a evolução da humanidade, a fim de que pudesse suportar certos conteúdos que não poderiam ser franqueados ao entendimento limitado da época

Como entender a passagem da ressurreição de Lázaro, no seu próprio corpo antes decomposto. Qual a relação com a reencarnação que a doutrina prega?

O Espiritismo, a princípio, não aceita que Lázaro estivesse de fato morto, ou seja, desencarnado, mas num estado cataléptico ou letárgico. Assim, pelo poder magnético do Mestre, seu refazimento foi possível e o espírito reassumiu as funções orgânicas, não havendo ressurreição propriamente dita, mas cura.

Na Oração do Credo o trecho "... Creio na remissão dos Pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna". É uma aceitação velada, pela Igreja Católica, da reencarnação?

Acredito que sim. Ainda que necessitemos de uma certa "ginástica" para entendermos assim, pois não é a carne que ressuscita, ressurge, mas sim o espírito. Como, nesse fato, ele volta a revestir-se de matéria carnal, podemos entender o dogma católi-

co no sentido da reencarnação, muito embora eles teimem em uma ressurreição, digamos, “cadavérica”; quando, na verdade, trata-se de um novo corpo assumido segundo a lei imutável da reprodução das espécies, isto é, a reencarnação.

O diálogo entre Jesus e Nicodemus não é uma alusão à reencarnação? Fale algo a respeito deste diálogo.

Sem dúvida é uma iniciação ao entendimento reencarnacionista, pois que o Mestre diz: “Necessário vos é renascerdes de novo” e complementa que deve ser um renascimento “de água” e “de espírito”, ou seja, é a retomada da experiência física, cuja constituição é eminentemente líquida. Portanto, o renascer de água (segundo o Prof. Pastorino “de água” e não “da água”) é reencarnar e o renascer de espírito é evoluir, progredir moralmente.

Teríamos alguma passagem no velho testamento sobre a reencarnação?

Sem dúvida! Nos próprios 10 mandamentos a reencarnação é ensinada. Êxodo, 20:5: "Eu, o senhor, teu Deus, sou Deus zeloso que visito a maldade dos pais nos filhos na terceira e quarta geração". E não "até" a terceira e quarta geração, como traduzem deturpadamente hoje em dia. A visita de Deus, ou seja, o cumprimento de sua lei se dará na terceira e quarta geração porque o espírito infrator já teve tempo, muitas vezes, de reencarnar na mesma família. Por outra, por que Deus deixaria de lado a primeira e segunda geração? Não há explicação sem a reencarnação. Inclusive, somente assim entendemos o que disse o profeta Ezequiel (18:20): "O filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele e a perversidade do perverso ficará sobre este." Assim, vemos que o confundir vingança com justiça é algo peculiar ao homem, não a Deus. A alma que pecar é que recebe a correção e não outrem.

O que você aconselha ao espírita, ao lidar com irmãos de outras crenças, no sentido da negação da reencarnação .

Se forem evangélicos, protestantes, enfim, aconselho aos irmãos espíritas que não deixem de argumentar fraternalmente em termos escriturísticos através de um estudo perseverante da Bíblia, já que não adiantará argumentarmos em termos de ciência, pois o paradigma desses companheiros ainda é “vale o que está escrito”. Não teríamos, nós espíritas, argumentos suficientes? Quer nos parecer que os temos de sobra. O que precisamos é estudar.

Em que época, aproximadamente, a reencarnação passou a ser retirada dos textos bíblicos? E por que isso aconteceu?

Na verdade, ela não foi “retirada”. O que tentam é dissimular os conteúdos. Mas, temos referências desde o século II depois de Cristo, do próprio Orígenes, um dos pais da Igreja: “Presentemente, é manifesto que gran-

des foram os desvios sofridos pelas cópias, quer pelo descuido de certos escribas, quer pela audácia perversa de diversos corretores, quer pelas adições ou supressões arbitrárias." Portanto, vemos que esta intenção é, de fato, muito antiga, mas restará sempre malograda.

Alguns evangélicos argumentam contra a reencarnação, citando a parábola do rico e de Lázaro. O que tem a dizer a respeito?

O pai Abraão, na parábola de Jesus, diz que eles tinham Moisés e os profetas. Perguntaríamos aos irmãos que argumentam com esta parábola: Não tinham os apóstolos mais ainda que Moisés e os profetas o próprio Evangelho do Cristo? No entanto, necessitaram da ressurreição do morto mais eminente da nossa cultura. Se não vissem o triunfo do Mestre sobre a morte, teriam sido o que foram?

A dissimulação do conteúdo bíblico referente à reencarnação está no uso da palavra ressurreição?

Em parte, sim! Pois a expressão grega “palinggenesia”, segundo o Prof. Pastorino, era o termo técnico da reencarnação entre os gregos. No entanto, São Jerônimo, geralmente, o traduzia por regeneração. Já a palavra “ressurreição” é a tradução da expressão grega “anastasis” originária do verbo “anistemi”, que significa tornar a ficar de pé, mas também “regressar”. Como vemos, tudo é uma questão de resgate dos verdadeiros sentidos das palavras, que assumem significados diversos ao longo dos tempos. Nos cumpre, então, a pesquisa etmológica e, sem dúvida, chegaremos à verdade reencarnacionista. É o que constatamos do trabalho, por exemplo, do Prof. Pastorino.

Pelo que entendi, então, a crença que se enraizou sobre o chamado “pecado original”, nos textos originais referia-se à reencarnação? De fato, a Bíblia está cheia de “ameaças” aos filhos, que pagariam pelos

“pecados” de seus pais... Na realidade, seriam as gerações seguintes em que os mesmos espíritos, já reencarnados, sofreriam as consequências de seus atos e não uma transferência de débitos (que aliás seria incompatível com a justiça divina)?

Sem dúvida alguma. É exatamente isso!

Que bibliografia aconselharia para uma leitura mais detalhada do tema?

“A Reencarnação na Bíblia” - Hermínio Miranda; “Cartas a um Sacerdote” - Américo Domingos e Luis Antonio Millecco; “Visão Espírita da Bíblia” e “Revisão do Cristianismo” - José Herculano Pires e “Reencarnação: Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus” de minha autoria.

Jesus deixa claro que João Batista
é a reencarnação de Elias.

Leia O Novo testamento,
São Mateus, cap. XVII, v, 10 a 13.



Jão Batista é a reencarnação de Elias

O Céu e o Inferno

Entrevista com Deise Bianchini

As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou da sua desgraça. E, como os espíritos estão por toda parte, não existe um lugar circunscrito ou fechado que possamos chamar de paraíso, inferno ou purgatório. Existe o estado moral dos espíritos.

Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam. Inferno e paraíso são simples alegorias; por toda parte há espíritos ditosos ou infelizes. Os espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, e, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram.

Por “purgatório” devem-se entender dores físicas e morais, ou seja, o tempo da expiação. Quase sempre é neste mundo que fazemos o nosso “purgatório”, onde Deus nos concede a chance de expiarmos as nossas faltas. Então, o que se deve entender por purgatório? Nada mais é que um estado de sofrimento físico e moral, consistindo, geralmente, nas provas da vida corporal, até que consigamos superar nossas provas, elevando-nos ao estado de espíritos bem-aventurados.

Sintetizando: Inferno é uma vida de prova extremamente penosa, com incerteza de uma melhora. Purgatório é uma vida também de provas, mas com a consciência de um futuro melhor.

Por “alma a penar” deve-se entender uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro, e à qual proporcionar o alívio que muitos vezes solicita, vindo comunicar-se conosco.

Por “céu” não se deve entender um lu-

gar onde os espíritos bons estejam todos aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar, pela eternidade toda, de uma felicidade passiva. Céu é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem as preocupações da vida material nem as angústias peculiares à inferioridade. As expressões “quarto, quinto céu,” etc., indicam graus de purificação e, em consequência, de felicidade.

Foi por isso que Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo.” É que o seu reino também não consiste em um aglomerado de seus súditos neste planeta, mas se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que domine o amor do bem. O bem só reinará na Terra quando, entre os espíritos que a virão habitar, os bons predominarem, fazendo com que nela reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Haverá

a transformação da humanidade, ocorrendo pela encarnação, aqui, de espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Os espíritos “maus”, que a morte irá ceifando a cada dia, e os de todos que tendem a deter a marcha das coisas, serão daqui excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para outros mundos, menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento e, ao mesmo tempo, pelo de seus irmãos ainda mais atrasados.

Como fazer para garantir o “céu” dentro de nós?

Tanto o céu como o inferno são estados de espírito em que nos colocamos quando ainda encarnados. Podemos usufruir desse céu maravilhoso, que tantos esperam após a morte. Caridade, humildade, amor, são os caminhos que nos levam ao Pai e que trazem o seu mundo para dentro de nós.

Como são espíritos que tendem a deter a marcha das coisas?

São espíritos ainda atrasados moralmente, que se comprazem com o sofrimento dos outros, não estão preocupados com sua evolução, ou ainda não aprenderam que isso ocorrerá. Procuram, por todos os meios e influências, nos prejudicar. Ainda não tem conhecimento do amor, ou perdão. Levam a vida a procurar vingança. Esses, quando a Terra também evoluir, não se encontrarão mais entre nós, mas com certeza chegarão lá também, pois chances não nos faltam.

Como espíritos elevados, como Jesus, sentem nossos sofrimentos e angústias? Isso não atrapalha sua felicidade?

É como acontece com nossos filhos. Quando esperneiam para tomar vacina, ou choram diante do dentista e seu aparelho, nós não os furtamos a essas visitas, pois sabemos que esses sofrimentos são

momentâneos e que só lhes farão bem. Os bons espíritos, os evoluídos que nos acompanham também se penalizam de nós, mas sabem que só assim poderemos crescer, andando com nossas próprias pernas e tendo nossos méritos a cada vitória alcançada eles nos mostram o caminho e nos amparam.

Se a Terra está evoluindo, os espíritos ditos maus não deverão ir para um outro mundo de igual progresso da Terra atual?

Não gosto muito desse termo mau. Sempre procuro utilizar infelizes ou pouco esclarecidos. Procuro entender que a maldade não é inerente a eles, mas sim um estado em que se encontram. Portanto, se apesar de todas as chances de aprendizado, ainda estão teimosos e se mantendo no mesmo estágio evolutivo deverão reencarnar em mundos inferiores, onde estarão aptos a recomeçar e enfrentar todas as dificuldades que se apresentarem.

As regiões umbralinas podem ser consideradas como uma espécie de purgatório?

“O Livro dos Espíritos” nos coloca que o purgatório não é um lugar determinado, mas o estado dos espíritos imperfeitos que estão em expiação. Quase sempre é sobre a Terra mesmo. Normalmente, na literatura, o umbral é colocado como um local de extremo sofrimento, mas nunca ouvi, ou li, comentários de expiação ali.

Reencarnar em mundos inferiores não seria uma regressão para o espírito?

Não, pois o espírito não regride. Ele conserva o aprendizado, mas deve aliar a tudo que aprendeu o aprendizado moral. Ele pode estacionar, mas nunca regredir.

Mesmo em mundos inferiores, o espírito conserva sua condição hominal e, portanto, não ocorrem quaisquer regressões. Por mundos inferiores podemos entender aqueles mais tecnologicamente primitivos, onde as dificuldades de manutenção da

vida corpórea se encontram muito maiores, devido à pouca ciência.

Você não acha que a duração dos sofrimentos dos homens será eterna, visto que sempre existem novas criaturas ignorantes sendo criadas e por isso, até podem se inclinar ao mal?

O sofrimento só será eterno enquanto o homem não aprender a lei do amor. Não aprendemos apenas pela dor e sempre teremos os missionários a nos acompanhar, e nos auxiliar em nossa evolução. Com certeza podem se inclinar ao mal, mas como saber? Nascemos simples e ignorantes, acumulamos nossas experiências, espero sinceramente que não precise ser assim.

Não trazemos bagagem nenhuma de outras encarnações?

Sim, trazemos a bagagem dos conhecimentos adquiridos. Essas lembranças estão temporariamente escondidas mas agem so-

bre nós como uma intuição e influenciam nessa vida, sim. Temos tanta facilidade para determinadas coisas e para outras não. São os aprendizados que já realizamos que estão inconscientemente retornando a nós.

De que maneira uma vida anterior de duras expiações pode influenciar esta nossa atual encarnação?

Nada ocorre sem uma causa, tudo é um aprendizado em nossas vidas, ou “débitos que estão sendo quitados”. Uma vida anterior dura com certeza elevou o nosso aprendizado moral e agora podemos colher seus frutos, e terminar o que apenas começamos a quitar.

Existe o mal que os espíritos praticam contra terceiros, mas existe um outro mal que é praticando contra eles mesmos, que é caso do vício ou, por exemplo o materialismo do egoísta. Existe uma diferenciação para esses dois tipos de males praticados,

ou, independentemente dos males cometidos, todos carregam a mesma pena?

Não, nem todos carregam a mesma pena. “Muito será pedido a quem muito foi dado”. Aquele que tiver consciência de suas atitudes e, mesmo assim, proceder no erro, será muito mais culpado que o ignorante que praticar o mesmo ato. Isso para tudo, para nós mesmos (vícios) ou em relação aos outros.

O Natal

Entrevista com Altivo Panphiro

A espiritualidade maior não se estristece com o fato do Natal, para muitos, ser apenas uma festa consumista, onde a maioria esquece-se do verdadeiro sentido que seria o nascimento do Mestre?

Tenho acompanhado no plano espiritual as verdadeiras comemorações do Natal de Jesus. Tenho visto nos desdobramentos dos quais participo e durante as sessões de tratamento espiritual, os espíritos lembrarem Jesus através de preces, de lembranças afetuosas e teve uma ocasião em que acompanhei uma espécie de encenação da vida de Jesus quando criança e no seu nascimento por espíritos. Foi muito interessante porque eu via espíritos mais elevados em volta de uma espécie de grade, em altura maior do que o palco, vendo a encenação dirigida

para espíritos bem mais simples e inferiores por serem recém-desencarnados. Os espíritos que encenavam a peça o faziam justamente para mostrarem ao recém vindos como naquele ambiente se lembrava de Jesus. Acima desse palco ficava essa espécie de grade em que espíritos maiores acompanhavam o esforço dos que lhes estavam abaixo e ficavam satisfeitiíssimos por verem este esforço tão importante. Ao final da encenação, eu os via aplaudirem. Perguntei ao Dr. Hermann, que me levou neste desdobramento, o que estava acontecendo e ele disse-me: “É para que você veja que o esforço de cristianizar as pessoas ocorre também no plano espiritual.”

Por que tantas pessoas se entristecem tanto no Natal - justamente uma data de alegria pela vinda do nosso Irmão Maior?

Acredito que a tristeza da maior parte das pessoas se deve à solidão que sentem. Não devemos nos esquecer que muitos de

nós estamos realmente sozinhos. Nem sempre nos sentimos integrados na maneira de viver e de comemorar o Natal de muitos dos nossos. Outro aspecto a considerar é a saudade que sentimos dos que já partiram. Não podemos esquecer que também deixamos amigos no mundo dos espíritos que nos aguardam um dia. Do conjunto de todos estes fatores, surge a tristeza existente em muitos de nós. Devemos reagir a este estado de coisas. A saudade do mundo espiritual não pode e nem deve perturbar nosso estágio na presente encarnação. Tenho a certeza que devemos ter nosso sentimento íntimo, mas também tenho certeza que devemos participar das alegrias singelas e sinceras daqueles que vivem ao nosso lado.

Como se sentem no Natal nossos irmãos que ainda estão sofrendo em zonas inferiores?

Alguns deles sequer sabem o período que estamos vivendo. Mas para aqueles

que o sabem, o Natal é, em alguns casos, um momento de tristeza, por não terem seus familiares junto a si e para outros é o momento de reflexão por terem perdido esta oportunidade tão importante de suas vidas espirituais.

Como deve ser a comemoração do Natal num autêntico Centro Espírita?

Em dois níveis: O primeiro deles, a comemoração pelas preces, pelo estudo e pela busca do real sentido da mensagem cristã para o nosso mundo. A este propósito, no Centro Espírita Léon Denis (Rio de Janeiro) e tenho conhecimento também que em muitos outros Centros estamos estudando as várias mensagens mediúnicas ou não que tratam do Natal de Jesus. Este é um objetivo que estamos procurando alcançar. Pelo menos no mês de dezembro falarmos o tempo todo ou em todas as reuniões de estudos de Jesus. Este é o primeiro sentido da comemoração. O segun-

do sentido é lembrarmos-nos de que os pobres também são convidados de Jesus. Nesta ocasião, aumentamos nossa cota de contribuição aos necessitados, distribuindo mais alimento, mais roupa, mais tudo. No Centro Espírita Léon Denis, através do seu serviço social, promovemos um almoço de Natal com os nossos assistidos aumentando desta forma nossa comemoração natalina. Também solicitamos a vários companheiros da casa que contribuam com o que puderem para amenizar a pobreza e temos conhecimento que muitos companheiros, anonimamente, saem no mês de dezembro distribuindo lanche, almoço, jantar, etc. aos assistidos. Quero lembrar que fazemos isso durante todo o ano, apenas no Natal aumentamos a nossa participação. Somos de opinião que o Natal deve ser comemorado todo dia.

Qual o objetivo do Natal perante o plano espiritual neste fim de milênio?

Estamos nos aproximando de um período em que a Doutrina Espírita e o Cristianismo devem ser divulgados de forma contínua atingindo o modo de ver e de sentir das criaturas que vivem na Terra atualmente. O comércio está ganhando a batalha. Eles estão mostrando um Natal totalmente comercial. E o povo, a grande massa que ainda não sabe discernir exatamente o que deseja, fica à mercê da informação comercial. Em compensação, vemos nas casas espíritas presidentes e oradores falando de Jesus e sua época. Esquecem de “traduzir” o ensinamento e o comportamento cristão para os dias atuais. Tem gente no Centro Espírita que ainda fala sobre “O Livro dos Espíritos” como se fosse um livro escrito em 1857. Não “traduzem” o sentido do livro e sua mensagem para os dias de hoje. Tenho certeza que no milênio que se aproxima tanto o Cristianismo como o Espiritismo deverão ser apresentados de modo bem claro para as exigências da sociedade dos dias de hoje.

Estaríamos falhando na educação de nossas crianças ao valorizarmos tanto a figura do Papai Noel no Natal?

Realmente os espíritas estão dando mais valor ao Papai Noel do que a Jesus. Temos que reverter o quadro. Não se pode ignorar a figura do Papai Noel que está sendo massificada ao ponto de todas as crianças e até os adultos valorizarem a figura do “bom velhinho”. Mas tenho a certeza que se soubermos lembrar de Jesus e sua chegada à Terra, estaremos incentivando, ou pelo menos mostrando a todos que tudo começou com Ele.

Mas apesar de tudo vemos muitas vezes pessoas com mesas cheias de comida e bebidas, e falam de solidariedade mas, ao mesmo tempo, pessoas morrem de fome ao seu lado, isso não seria hipocrisia?

Isto é ainda o falar daquilo que não se sente realmente. Há pessoas que não são conscientes daquilo que ocorre em sua vol-

ta. São almas que realmente estão longe de entenderem a dor humana. Há também criaturas que falam o que não sentem.

As atividades nos centros espíritas quase desaparecem nesta época. O que estaria faltando nas casas Espíritas nesta época do ano?

Não podemos esquecer que estamos vivendo em uma sociedade em que o homem cada vez mais está prisioneiro daqueles com quem convive. Os centros espíritas quase que esvaziam neste período, como nos de carnaval, de feriados, justamente porque as pessoas ou por si, ou pelos seus familiares assumem compromissos e naturalmente as atividades do centro espírita ficam para segundo plano. Bom seria que todos os centros tivessem vários horários e vários dias de atividades para que seus freqüentadores tivessem oportunidades variadas para as suas obrigações "religiosas".

É errado incentivarmos as crianças a

acreditarem em Papai Noel?

Creio que não. É uma suave manifestação de carinho, um incentivo ao amor, mesmo um retorno ao espírito infantil que tanto nos faz falta nestes dias de tanta celebração e pouca “inocência”. Papai Noel existe na imaginação das crianças e é incentivado pela chamada mídia e acredito que seria de uma certa forma crueldade do adulto para com a criança se fosse retirado esse “sentimento” em faixa de idade bem pequena.

A espiritualidade comemora o Natal em que data?

Pelo que sei a espiritualidade comemora o Natal de Jesus no período em que a Humanidade assim o faz. Há estudos entre os evangélicos que procuram fixar o período de setembro como o período de nascimento de Jesus. Acredito que ninguém vai saber com certeza a data deste natalício e ficamos, todos nós, com a data de 25 de

dezembro, que foi estabelecida por um papa, cujo nome não me recordo agora, como a data da vinda de Jesus à Terra.

Durante os festejos do Natal na Terra, existe um intercâmbio energético maior do que o habitual entre a espiritualidade e os encarnados?

Sim. O homem terreno, de uma forma ou de outra, lembra-se mais de Jesus e tem como retorno a vibração do mesmo Jesus em seu favor.

Jesus “nasceu” realmente? Nasceu como qualquer mortal, ou esteve entre nós utilizando-se de um corpo fluídico?

Estou com Allan Kardec: Jesus nasceu de corpo e espírito. Ele não poderia derrogar a Lei que existe para todos os encarnados que é nascer do ventre de uma mãe. Há estudos que afirmam que Ele teria sido o resultado de uma inseminação artificial produzida no plano espiritual e, neste caso,

Maria não teria tido contato com José para ter Jesus. Esta tese engenhosa e atual, dado o conhecimento da técnica da inseminação, pode ser verdadeira. De qualquer modo, sou dos que tem a certeza de que Jesus não derogaria a Lei. Portanto, tenho a certeza que Ele tinha carne e espírito como qualquer um de nós.

Jesus ressuscitou fisicamente?

Não. Ele não poderia ressuscitar de corpo. Para mim, o seu corpo deve ter sido dissolvido ou mantido no túmulo e Ele materializou-se para Madalena. Se um espírito comum pode materializar-se, imaginemos Jesus. Então devemos acreditar que Ele, nas suas inúmeras manifestações aos discípulos, após sua morte, apenas se materializava. Em favor desta tese, existe o fato de que mal Ele se apresentava, logo desaparecia.

Da mesma forma que hoje comemoramos o natalício de Jesus, seria válido co-

memorar o dia de nascimento de outros bons espíritos (Maria, Pedro, Paulo, etc)?

Poderia ser se soubéssemos a data do nascimento destes grandes trabalhadores do mundo espiritual. A Igreja Católica indica dias para comemoração desses próceres religiosos, mas na verdade ninguém sabe a data do nascimento desses grandes espíritos. O espírita pode e deve lembrar, comemorar a data dos seus próprios grandes trabalhadores: Kardec, Denis, Delanne e outros mais de interesse particular de cada Centro.

A necessidade que existe hoje não é mais tornar o Natal uma festa tão religiosa, mas sim de conscientização?

Sim. Este é o verdadeiro sentido da comemoração do Natal de Jesus.

Nesta época vemo-nos obrigados a dar presentes aos nossos entes queridos. Como associar o “presente” com o verdadeiro sentido do Natal ?

Realmente estamos cada vez mais sendo induzidos a dar presentes mais caros numa festa de maior significado. É o predomínio do comércio sobre o verdadeiro espírito de Natal. Pergunto a você e a todos os demais: Já imaginou você não dar um presente a alguém de sua família direta - esposa, filho, mãe -, numa data como esta? Continuo a afirmar que estamos precisando ir dando espaço para Jesus nessa ocasião. Por enquanto, o comércio está ganhando a batalha.

Mas Jesus não estava em sua tumba quando foram verificar (de acordo com os evangelhos). O que dizer a respeito disso?

A ser verdadeira essa afirmativa, de alguma forma seu corpo foi dissolvido ou levado embora. O espírita não deve deixar-se embalar na tese do corpo fluídico. Repito: seria a derrogação da Lei de Deus que nos manda renascer de igual modo para todos. Veja bem que outros grandes líderes

(e não os estamos comparando com Jesus, mas dando a eles o mérito que possuem) não tiveram renascimento fluídico. Todos nasceram de mães e pais carnis. Por que seria diferente com Jesus, mesmo Ele podendo?

O que pensar da “adoração” que alguns fazem à figura de Jesus durante o Natal?

Nestes há realmente adoração, mas não há o sentido consciente da figura de Jesus entre nós. Jesus realmente foi e é o grande diretor de nossas almas. Nossos espíritos devem a Ele a oportunidade de nascer e renascer para aprimorar a própria existência. Jesus preside a todo este fenômeno de crescimento do nosso espírito. Não devemos ou não precisamos adorá-lo, mas sim ter um profundo agradecimento a Ele por nos incentivar, sustentar a caminhada em busca da evolução. Nossos destinos estão indelévelmente marcados pela sua lei de amor. Todos os nossos esforços na direção do

progresso estão vinculados a este sentimento: A lei de amor. Assim, realmente, Ele deve representar para nós a figura de um grande irmão, de um poderoso líder, de um grande espírito que nos fortalece, encaminha e nos indica sentimentos que ainda não possuímos. Por tudo isso devemos ser muitíssimo gratos a Jesus.

A narrativa evangélica do nascimento de Jesus nos fala de “Reis Magos” que teriam visitado o Menino Jesus. Nos Presépios os vemos presentes! Como é que é essa história de “magos”? Estranha a exaltação a eles justamente no texto evangélico, não?

No meu ponto de vista, eles não eram reis, nem magos e sim homens que visitaram a Jesus. Os evangelhos assim o mostram. Fica no imaginário popular a noção dos seus nomes e seus títulos. Devemos encarar esses personagens como espíritos encarnados que deveriam estar impulsioando alguma comunidade terrena encar-

nada e que perceberam a chegada de Jesus e foram vê-lo.

Devem os espíritas celebrar o Natal?

Sim. Jesus é uma figura muito importante para a Humanidade terrena. Os espíritas devem lembrar d'Ele com muito amor e respeito, também com gratidão.

As curas de Jesus

Entrevista com Bianca Cirilo

A proposta de Jesus diante dos homens nos coloca ante a necessidade de refletir sobre a nossa condição espiritual adoecida pelas paixões milenares que vêm nos aprisionando a alma, nos infelicitando diante de nós mesmos e diante do próximo.

A judia Hanna Wolf, em sua obra *Jesus Psicoterapeuta*, nos convida a uma reflexão bastante interessante no que se refere a proposta do Cristo no tocante ao processo de cura. Ela aponta o Cristo como psicoterapeuta real, uma vez que sua mensagem atinge profundamente a alma e incita a mudanças fundamentais referentes a autocura.

Wolf nos diz que a trajetória do Cristo faz com que tenhamos que responder a

seguinte questão: “Queres ficar curado?”. Com isso, vemos que Jesus esteve entre nós a fim de nos estimular ao desejo da cura verdadeira.

A pergunta acima lançada pelo Mestre representaria uma avaliação do nosso desejo de mudança. Isto é, Jesus estava preocupado em diferenciar a vontade sincera de aperfeiçoamento do entusiasmo inicial que geralmente sentimos ante a Boa Nova.

A pergunta em questão faz com que tenhamos de avaliar o quanto estamos dispostos a seguir o Cristo, conscientes das condições necessárias para isso. Entender o processo de cura operado por Jesus exige de nós a compreensão da nossa vontade como instrumento principal nesse intento, já que somos os principais agentes de doença ou saúde dentro e em torno de nós.

Alguns irmãos de jornada acreditam que a simples aceitação de Jesus é o suficiente para conseguir as Suas “graças”. É as-

sim mesmo, basta aceitá-lo para termos os nossos problemas resolvidos, as nossas doenças curadas?

Não. O próprio Cristo deixa claro que é a nossa fé que nos cura. Isso significa que até mesmo Jesus, sendo um espírito da categoria que é, reconhece humildemente sua posição de instrumento facilitador da cura, que só será atingida na medida em que nós nos dispusermos a digerir a mensagem do Cristo nos implicando verdadeiramente no nosso processo de crescimento espiritual e realização plena.

**Jesus curava até mesmo aqueles que vi-
nham com um resgate reencarnatório?**

De acordo com a doutrina espírita, sabemos que a obtenção da cura obedece a dois aspectos: o merecimento do espírito reencarnante e a misericórdia Divina. Sendo assim, Jesus não iria acionar um processo de cura que estivesse fora da vontade de Deus ou que viesse a derrogar suas leis.

Entretanto, não podemos afirmar com segurança a posição evolutiva dos espíritos que foram curados por Jesus. A razão nos diz que o Mestre jamais derogaria as leis do Pai.

Teve alguém que Jesus não curou?

É importante ressaltar que a doutrina espírita se baseia no Novo Testamento e, desta forma, as informações a respeito das curas realizadas por Jesus são extraídas desta fonte.

Os evangelistas informam que as curas realizadas por Jesus partiam da procura espontânea dos interessados, onde Jesus deixava claro a importância da vontade daquele que solicitava auxílio.

Se houve alguém a quem Jesus não curou, certamente isso se deu por falta de merecimento daquele que desejava a cura. Entretanto, isso não tem relevância, considerando a missão do Mestre.

Jesus teria sido essênio e lá teria apren-

dido a utilizar-se do magnetismo de cura?

Não tenho conhecimento sobre isso. De qualquer forma, sendo Jesus um espírito fadado à lei de evolução como todos nós, certamente desenvolveu o potencial da cura, assim como todos.

Por outro lado, algumas correntes crêem que precisemos de intermediários (santos) para alcançar uma cura. Precisamos mesmo?

Precisamos, não de santos, pois sabemos que os chamados santos são espíritos mais evoluídos sujeitos a todas as leis progressivas do Criador. Precisamos, sim, de espíritos superiores a nós que já passaram pelo nosso estágio e que conhecem com mais profundidade a alma humana e suas mazelas. Precisaremos desses intermediários até que cheguemos ao estágio em que eles se encontram para, assim, conseguirmos administrar a própria vida mental protegendo-a dos agentes provocadores de

desordens emocionais e físicas.

A cura de Lázaro: o que Jesus fez, na verdade, foi utilizar seu magnetismo para tirá-lo de um processo cataléptico?

Na verdade, Lázaro se encontrava num processo letárgico em que, segundo *O Livro dos Espíritos*, "o corpo não está morto", tendo apenas sua vitalidade em estado latente.

Deixe-nos suas considerações finais.

Vale ressaltar que a compreensão da cura exige de nós uma disposição para evoluir. Não basta sabermos que o progresso é lei Divina, logo a saúde se constitui como condição natural de todo espírito. É preciso aceitarmos intimamente o progresso como condição única do alcance da cura verdadeira. O que isso significa? É preciso abrir mão da doença como rebeldia perante as leis de Deus.

Jesus veio ensinar a nos acostumar

com a saúde integral como condição natural de todos. Contudo, diante das contrariedades resultantes de nossas escolhas equivocadas, costumamos nos identificar com a posição de vítimas, expressando muitas vezes na doença o nosso protesto contra as leis Divinas. Por fim, doença e saúde também fazem parte das nossas escolhas.



2ª parte

Textos

O lado esotérico do cristianismo

As igrejas cristãs na atualidade professam que todos os ensinamentos de Jesus estão contidos na Bíblia, tendo sido interpretados, no decorrer dos séculos, pelos credos, dogmas e outros ensinamentos transmitidos pela hierarquia eclesiástica. Apesar das passagens da Bíblia que falam claramente sobre ensinamentos reservados e dos escritos dos padres da Igreja Primitiva referindo-se aos Mistérios de Jesus, a atitude ortodoxa é de que não existe um lado interno na tradição cristã. Caso isso fosse verdade, essa seria a única grande religião sem ensinamentos esotéricos. Essa postura da igreja não é de se estranhar, pois, como disse o bispo Leadbeater da Igreja Católica Liberal, *“com a passagem do tempo, todas as*

religiões gradualmente se distanciam da forma original em que foram plasmadas por seus fundadores. Quase sempre esta mudança é para pior.”

Porém, existe um lado interno na tradição cristã, que são os ensinamentos reservados e as práticas estabelecidas por Jesus, preservadas e desenvolvidas por seus discípulos e grandes praticantes. Pelo fato de lidarem com os aspectos ocultos da natureza e do homem, são geralmente preservados pela tradição oral ou apresentados de forma alegórica. Esses ensinamentos visam identificar o objetivo último da vida do homem no mundo e orientar os praticantes como alcançá-lo o mais rápido possível. O lado interno, portanto, é equivalente ao lado esotérico ou oculto da tradição.

Como os ensinamentos esotéricos, por definição, são ministrados de forma reservada a um número relativamente pequeno de discípulos mais avançados e, geralmente, sob o juramento de sigilo, muito pouca

informação a esse respeito chega ao domínio público. Essa situação tem um paralelo na tradição dos mistérios, sobre a qual tanto se fala, mas pouco se sabe fora do círculo de seus iniciados.

Apesar de quase ignorado por muitos séculos, o lado interno da tradição cristã é uma realidade. Jesus falava de acordo com a capacidade de discernimento de cada um, *"segundo o que podiam compreender"* (Mc 4:33), sendo que para seus discípulos ministrava ensinamentos reservados, como fica claro na seguinte passagem:

"Quando ficaram sozinhos, os que estavam junto dele com os Doze o interrogaram sobre as parábolas. Dizia-lhes: 'A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas'" (Mc 4:10-11).

Se aceitamos o teor dessa passagem, que é confirmado em outras partes dos evangelhos e em documentos apócrifos, podemos assumir que a tradição cristã, pelo me-

nos em seus primórdios, teve um lado interno, estabelecido diretamente por Jesus. Paulo confirma esse fato em suas epístolas quando fala de verdades veladas, reservadas aos perfeitos, ou seja, aos que tinham sido iniciados nos mistérios de Jesus: *"Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória"* (1 Co 2:7). E, referindo-se aos dons da graça de Deus, o apóstolo diz: *"Desses dons não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais"* (1 Co 2:13). Na Epístola aos Hebreus é mencionado que, mesmo com o passar do tempo, a maior parte dos membros das comunidades cristãs primitivas ainda não estava apta a receber os ensinamentos internos:

"Muitas coisas teríamos a dizer sobre isso, e a sua explicação é difícil, porque vos tornastes lentos à compreensão. Pois, uma

vez que com o tempo vós deveríeis ter-vos tornado mestres, necessitais novamente que se vos ensinem os primeiros rudimentos dos oráculos de Deus, e precisais de leite, e não de alimento sólido. De fato, aquele que ainda se amamenta não pode degustar a doutrina da justiça, pois é uma criancinha! Os adultos, porém, que pelo hábito possuem o senso moral exercitado para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido." (Hb 5:11-14)

No evangelho de João existem várias passagens de natureza profundamente esotérica apresentadas de forma velada. Existem, também, indicações de que outros evangelhos de natureza esotérica foram escritos mas não foram conservados pela tradição ortodoxa, como o Evangelho de Matias, referido por Jerônimo, o Evangelho secreto de Marcos, e os Evangelhos de Tomé e de Felipe, encontrados na biblioteca de Nag Hamaddi. Clemente de Alexandria, um dos maiores patriarcas da Igreja, falando

sobre o trabalho de Marcos e os ensinamentos secretos de Jesus, escreve: *“(Desta forma) ele (Marcos) organizou um evangelho mais espiritual para aqueles que estavam sendo purificados. No entanto, não divulgou as coisas que não deveriam ser reveladas, nem escreveu os ensinamentos hierofânticos do Senhor... Incluiu certas explicações que, ele sabia, conduziriam os ouvintes ao santuário mais interno daquela verdade oculta por sete (véus).”*



A prática de diferenciar os níveis de ensinamento conforme a preparação dos ouvintes era comum entre os judeus, tanto da tradição rabínica como dos essênios, que transmitiam dois tipos de ensinamentos, um externo para o povo e os neófitos, e outro interno, (esotérico) para os estudantes avançados.

Adaptando os ensinamentos

Os grandes seres que legaram ensinamentos à humanidade, que mais tarde transformaram-se em religiões, sempre levaram em consideração as necessidades específicas das almas em diferentes estágios evolutivos. Para as massas eram ministradas instruções simples, voltadas para as necessidades prementes de orientação moral, de consolação e de esperança para os aflitos. Assim, as parábolas e outros ditados de Jesus contêm, numa primeira leitura, uma “moral da estória”, um ensinamento prático, geralmente apresentado com imagens da vida diária de

seus ouvintes. Porém, para as pessoas mais instruídas e já despertadas espiritualmente, as mesmas parábolas, devidamente interpretadas, ofereciam outra camada de ensinamentos mais profundos que haviam sido velados pela alegoria. Finalmente, para seus discípulos mais chegados, foram ministrados ensinamentos secretos conservados pela tradição oral e só mais tarde confiados à linguagem escrita, ainda que de forma altamente simbólica.

O bispo Leadbeater afirma categoricamente que existe um lado esotérico do cristianismo, apesar dos protestos em contrário das correntes ortodoxas dominantes. Em suas pungentes palavras:

“Originalmente, o cristianismo era uma doutrina de magnífica elaboração — aquela doutrina que repousa nos fundamentos de todas as religiões. Quando a história do Evangelho, que tinha significação alegórica, foi degradada a uma pseudonarrativa histórica da vida de um homem, a religião tornou-se

confusa. Por essa razão, todos os textos relativos às coisas elevadas foram distorcidos e, portanto, não mais correspondem à verdade subjacente. Por ter o cristianismo esquecido muito de seu ensinamento original, é costume atualmente negar que algum dia tenha tido qualquer instrução esotérica.”

Nos primeiros séculos de nossa era os ensinamentos internos de Jesus foram preservados principalmente pelos grupos conhecidos como gnósticos, que transmitiam oralmente seus segredos, de forma gradual, aos seus seguidores. A massa dos fiéis recebia os ensinamentos da tradição aberta, muitos dos quais derivados dos ensinamentos esotéricos. Com o tempo, porém, a corrente ortodoxa passou a dar uma interpretação de cunho histórico e literal às verdades profundas, transformando-as em dogmas. Um estudioso chega a sugerir que: “Os dogmas tradicionais da Igreja que chegaram a nós ao longo dos séculos são materializações grosseiras do verdadeiro

ensinamento sobre a natureza e origem espiritual do homem contido na gnosis. Esses dogmas são o resultado do historicismo literal das narrativas — alguns casos, porém, tendo uma base semi-histórica — que tinham a intenção original de servir como alegorias cobrindo profundas verdades espirituais.

A verdade, portanto, não é que o gnosticismo seja uma ‘heresia’, um afastamento do verdadeiro cristianismo, mas precisamente o oposto, isso é, que o cristianismo em seu desenvolvimento dogmático e eclesiástico é uma caricatura dos ensinamentos gnósticos originais.”

Com o crescente acervo de informações sobre o lado esotérico dos ensinamentos de nossa tradição, seria lícito perguntar por que esses dados não foram apresentados de forma sistemática para o grande público? A verdade é que nunca houve interesse nesse particular dentro da Igreja. Ao contrário, as autoridades eclesiásticas, depois de Cle-

mente de Alexandria e Orígenes, sempre negaram que houvesse um lado esotérico da tradição cristã. Um dos principais fatores para essa atitude remonta à aliança da incipiente igreja com o Imperador romano Constantino no início do século IV. O cristianismo popular, introduzido por Constantino como religião oficial do Império Romano não podia se dar ao luxo de aceitar uma visão interna e esotérica, fora do controle da hierarquia. A nova religião tinha que servir como instrumento de garantia do reino terrestre. Um “Reino” espiritual não tinha lugar nesse esquema. Para a Igreja Romana, essa aliança trouxe inúmeras vantagens, como a cessação das perseguições e o poder temporal sobre assuntos religiosos. Porém, o preço pago foi demasiado alto: o afastamento do que havia de mais precioso na herança cristã e a alienação de milhares de buscadores sinceros que foram anatemizados ao longo dos séculos. Dessa tentação não escaparam, mais tarde,

as igrejas da reforma protestante, que também se uniram aos príncipes desse mundo.

A Bíblia permaneceu a suprema fonte da tradição, em que pese a importância concedida à tradição oral, principalmente nos meios monásticos. Toda tentativa de sistematização dos ensinamentos do Mestre sempre foi vista com extrema suspeita, pois o resultado de qualquer nova apresentação dos ensinamentos iria, no mínimo, afetar as prioridades e valores relativos da estrutura dogmática estabelecida pela Igreja. A atitude usual, porém, ia muito além da suspeita, chegando à rejeição peremptória das novas interpretações, pois, por definição, seriam diferentes da ortodoxa, sendo, portanto, taxadas de heresias e combatidas literalmente a ferro e fogo. Dado o poder quase absoluto da Igreja a partir do século IV até o século XIX, todas as tentativas de sistematização, inclusive dos ensinamentos esotéricos de Jesus que vieram a público, não tiveram sucesso, geralmente terminando com os escri-

tos e seus escritores sendo execrados ou lançados na fogueira.

Uma nova era

Com a liberdade de pensamento e expressão conquistada no século passado e consolidada a partir da segunda metade deste século, um número crescente de estudos vem sendo realizado: inicialmente comparando os provérbios e parábolas semelhantes nos evangelhos sinóticos, que levaram à teoria do evangelho Q (inicial da palavra alemã *Quelle*, que significa fonte, para a suposta fonte original das logia de Jesus) e, mais recentemente, a comparação e análise das formulações dos sinóticos com as equivalentes nos evangelhos gnósticos, principalmente com o Evangelho de Tomé. As interpretações das parábolas de Jesus foram outro grande avanço no entendimento dos ensinamentos do Mestre.

Partimos, portanto, da hipótese de que os ensinamentos de Jesus, o vivo, como o

Mestre era chamado pelos gnósticos, foram o instrumento para trazer salvação aos homens, entendida como a admissão ao Reino dos Céus. Esses ensinamentos seriam a medicação salvadora prescrita pelo grande terapeuta à humanidade. O diagnóstico foi feito, a medicação prescrita. Resta a cada ser humano exercitar seu livre arbítrio e decidir se toma a medicação necessária, em tempo hábil, na atual encarnação. Caso o diagnóstico e a prescrição sejam aceitos, deve-se empenhar todo o esforço possível para fazer o tratamento, que é, como na homeopatia, feito a longo prazo, ativando os princípios curadores existentes no interior de cada um. A revelação foi feita, a ajuda divina está disponível, mas o paciente deve fazer a sua parte.



Os essênios e o cristianismo

Segundo o famoso historiador judeu Flávio Josefo (37-100), cujos relatos são referência no assunto, os essênios formavam uma seita judia fundada por volta do ano 150 a.C, no tempo dos macabeus, cujo nome vem de Judas Macabeu, destemido comandante que enfrentou um grande número de inimigos do povo da Judéia. O termo essênio vem de "hassidim", que significa "piedosos", derivando para o grego "essenói" e para o latim "esseni".

Os essênios moravam em edifícios semelhantes a mosteiros e formavam uma espécie de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes suaves e as virtudes austeras, ensinando o amor a Deus e ao próximo e à imortalidade da alma, com

castigos ou recompensas futuras. De um modo geral, eram celibatários, embora algumas organizações permitissem o casamento de seus membros, usavam vestes alvas e grosseiras sandálias de fibra vegetal.

Era um povo que condenava a escravidão e a guerra, suportando com admirável estoicismo e sorrisos nos lábios as torturas mais cruéis, sobretudo para violar seus preceitos religiosos. Rejeitavam o sacrifício de animais e se entregavam à agricultura, no caso dos adultos, ou a outras atividades, como a cerâmica, a cargo dos adolescentes. Não era uma seita numerosa, já que suas leis eram muito severas e muitos não suportavam o rigor da disciplina.

Os essênios possuíam comunidades em vários pontos da Palestina, principalmente nas proximidades do Mar Morto, assim chamado em virtude de ter uma taxa de salinidade tão alta que não permite a presença de nenhuma espécie de vida em suas águas. Atualmente, suas margens abrangem

terras da Jordânia, Israel e Cisjordânia e para ele afluem rios como o Jordão, entre outros. Em boa parte, os essênios eram originários das terras palestinas, mas alguns elementos procediam de outros locais, como Pérsia, Síria, Grécia, Alexandria etc., trazendo suas experiências científicas e filosóficas para enriquecer o conhecimento da seita à qual se juntavam.

Dedicação aos estudos

Pelos estudos que faziam dos escritos antigos, os essênios se dedicavam acuradamente à pesquisa de fatos que lhes parecessem úteis para conhecer o espírito e a matéria. O aprendizado era bastante longo, pois o ciclo completo exigia 49 anos de estudos e aplicação, dividido em etapas que duravam sete anos cada. Como todo processo iniciático, os ensinamentos eram gradativos, sendo que a reencarnação era um dos últimos a serem repassados aos alunos. Os aprendizes estudavam noções de

matemática, música, a vida das plantas e os astros. Antes de se dedicarem ao trabalho do dia, faziam exercícios de respiração e dos músculos sob as árvores do pomar, consideradas grandes amigas da saúde.

Os essênios também valorizavam a água, por entenderem que o banho purificava o corpo e a alma dos pecados e impurezas. Além disso, oravam bastante e cantavam, tocando instrumentos musicais como alaúdes e avenas, uma antiga flauta pastoril. Sua alimentação era muito frugal, formada por frutas, principalmente romã e figo, pão de trigo, suco de uva, leite de cabra etc. Alguns essênios se dedicavam a tarefas terapêuticas. Extraíam substâncias medicamentosas das plantas, usadas para prestar assistência aos enfermos que buscavam socorro em seus povoados, além de conhecerem o processo sedativo da imposição das mãos sobre as cabeças e órgãos doentes para energização, o que chamamos atualmente de passe.

Opostos aos saduceus, que negavam a imortalidade e eram considerados os materialistas da época, e aos fariseus, enrijecidos por suas práticas exteriores e para os quais a virtude nada mais era do que aparência, os essênios não tomavam nenhuma participação nas disputas entre estas duas seitas. Sua união era admirável, usufruíam seus bens em comum, inclusive o vestuário, não comprando ou vendendo artigos entre si. Pela vida austera e virtuosa que levavam, foram comparados aos primeiros cristãos. Em seu livro *Os Grandes Iniciados*, Edouard Schuré apresenta os pontos comuns entre a doutrina dos essênios e a de Jesus. “O amor ao próximo, considerado o primeiro dever; a proibição de jurar para atestar a verdade; o ódio à mentira; a humildade; a instituição da ceia imitada dos ágapes fraternais dos essênios, mas com um sentido novo, o sacrifício”, explica.

Flávio Josefo destaca o hábito do silêncio nas comunidades essênias. Segun-

do ele, “jamais se ouve barulho em suas casas, nunca se vê a menor perturbação, cada qual fala por sua vez e sua posição e silêncio causam respeito aos estrangeiros. Tão grande moderação é efeito de sua contínua sobriedade, não comem nem bebem mais do que o necessário para a sustentação da vida”. O historiador judeu afirma ainda que “a virtude dos essênios é tão admirável que supera de muito a de todos os gregos e a de outras nações, porque eles fazem disso todo o seu empenho e preocupação e a ela se aplicam continuamente”.

Apesar de todas as virtudes apontadas, a estrutura social essênica apresentava senões que não condiziam com uma doutrina fraterna. O rigor dos códigos da seita com seus membros não passou em branco para Flávio Josefo, que assim o descreve: “Muitas são as promessas que são obrigados a fazer todos os que querem abraçar sua maneira de viver, devendo fazê-las solenemente, a fim de fortalecer a virtude contra os vícios. Se contra

elas cometerem faltas graves, são afastados de sua companhia e a maior parte dos que assim são rejeitados morre miseravelmente, porque não lhes sendo permitido comer com os estrangeiros, são obrigados a comer erva como os animais e chegam a morrer de fome. Por isso, às vezes, a compaixão que se tem de sua extrema miséria faz com que sejam perdoados”.

Mediunidade essênica

Os dons mediúnicos dos essênios não passam despercebidos. “Entre eles, há alguns que se vangloriam de conhecer as coisas futuras, quer pelos estudos nos livros santos e nas antigas profecias, quer pelo cuidado que têm de se santificar, acontecendo raramente deles se enganarem em suas predições”, explica Flávio Josefo. O historiador, ao revelar o motivo do bom tratamento que Herodes dispensava aos essênios, escreveu: “Um essênio, de nome Manahem, que levava uma vida muito vir-

tuosa, era louvado por todos e tinha recebido de Deus o dom de predizer as coisas futuras, vendo Herodes, ainda bastante jovem, estudar com crianças de sua idade, disse-lhe que ele reinaria sobre os judeus. Eu não duvido de que isto, para muitos, pareça inacreditável, no entanto, julguei dever relatá-lo, porque há vários dessa seita para os quais Deus se digna revelar seus segredos por causa da santidade de sua vida”.

Comparada a outras, a seita dos essênios foi de curta duração, pois seu fim foi provocado pela queda da cidade de Jerusalém em 70 d.C. Como judeus, os essênios foram exterminados pelo imperador Vespasiano e seu filho Tito. À frente de 60 mil homens em uma guerra que durou cerca de quatro anos, eles tomaram e destruíram a famosa cidade, inclusive o Templo, conhecido prédio edificado por Salomão, que reinou de 970 a 930 a.C, e no qual impressiona a enorme quantidade de ouro empregada em seus revestimentos e suas ornamen-

tações, conforme a descrição bíblica. Não sobraram restos materiais do Templo, a não ser uma parede, conhecida atualmente como o Muro das Lamentações.

Na região de Qumran, localizada na costa noroeste do Mar Morto, foram encontradas ruínas de um mosteiro considerado essênio, que difere da maioria dos outros da seita, destacados por sua singeleza, em virtude de sua relativa suntuosidade. Os essênios que habitavam este mosteiro são considerados os autores dos famosos Manuscritos do Mar Morto, formados por mil rolos e encontrados em cavernas entre os anos de 1947 e 1956, constituindo-se na maior descoberta arqueológica de todos os tempos. Através da datação feita por método científico, descobriu-se que a maioria dos manuscritos, grafados em tinta sobre pele de carneiro, foi feita nas décadas anteriores à era cristã, alguns deles poucos anos após a crucificação de Jesus. Entre os rolos, figuram textos hebraicos conhecidos, como

um manuscrito composto por 17 pedaços de couro, totalizando 7,35m de comprimento, que apresenta o texto do profeta Isaías, mas também desconhecidos até então, como o “Manual da Disciplina”, os “Salmos de Ação de Graças” e a “Guerra dos filhos da Luz contra os filhos das Trevas”.

Como os demais judeus, os essênios aguardavam o Messias. Porém, ao contrário de muitos deles, reconheceram-no assim que o viram e, mais importante, aceitaram seus ensinamentos. A partir da visita que Jesus lhes fez em Hebron quando ainda era adolescente, os essênios reajustaram suas leis e estabeleceram novos programas de ação, sobretudo ao fazerem emendas no manual de disciplina e seguirem ao encontro daqueles que necessitavam, ao invés de esperar que estes lhes procurassem, melhorando o cenário assistencial.

Diante de tudo isso, podemos concluir, sem medo de errar, que o essenismo foi uma ponte que uniu o judaísmo ao cristianis-

mo. Desapareceu da Terra como seita, mas os espíritos de escol que a constituíram voltaram muitas vezes ao nosso mundo como nobres missionários da Grande Estrela, do Grande Espírito, do Médico das Almas, do Mestre dos Mestres, aquele que é o caminho, a verdade e a vida, enfim, da Luz do Mundo, que é nosso Pai.



O poder da fé

Por Laylla Toledo

Cercados pelas atribuições do dia-a-dia, passamos a maior parte de nosso tempo ocupados com nossas obrigações e não percebemos que muitos dos desencontros e problemas do cotidiano poderiam ser resolvidos ou simplesmente afastados pela ação direta e efetiva da prece.

Envoltos com a agitação das circunstâncias, temos dificuldades para nos silenciar e elevar o pensamento a Deus, pedindo assistência. É preciso conhecer as propriedades da prece para que possamos fazer dela a fonte diária de refazimento de forças e o consolo que nos rejubila e eternece.

O homem é autor da maioria de suas aflições e se pouparia de maiores angústias se agisse com sabedoria e prudência, pois

essas misérias são o resultado de várias infrações das leis divinas. Se não ultrapassássemos o limite do necessário para viver, não teríamos as conseqüências desastrosas geradas pelos excessos.

A fé

A atitude de louvar a Criação é um hábito muito antigo e surgiu nos tempos mais remotos da antigüidade, quando o homem primitivo ainda dava seus primeiros passos em direção a Deus.

Desde sua origem, o ser humano já deixava transparecer a percepção de que algo maior e mais poderoso governava sua existência. Esse sentimento inato, cujo germe foi depositado nele primeiro em estado latente, veio a eclodir e se ampliar com o passar dos tempos. Essa convicção da existência de um poder divino é o que chamamos de fé.

Muitos pensam que ela é uma virtude mística, mas, na realidade, trata-se de uma

grande força atrativa. Aliada ao poder de influência da prece, é capaz de cessar imediatamente perturbações que estão em processo de andamento. A oração é um sustentáculo para o equilíbrio da alma, mas ela não basta: é preciso que esteja sempre apoiada sobre uma fé viva na bondade do Pai.

A fé é a mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus e a prece é sua filha primogênita. Porém, precisamos distinguir a diferença entre a fé cega e a fé racionada. A fé cega aceita o falso como verdadeiro e se choca constantemente com a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo, impondo-se sobre tudo e exigindo a abdicação do raciocínio e do livre-arbítrio. A fé racionada, ao contrário, apoia-se sobre os fatos e a lógica, não deixando obscuridade alguma para trás de si.

É preciso entender aquilo em que se crê. A fé produz uma espécie de lucidez que nos faz ver a finalidade para a qual todos nos destinamos e os meios de poder atingi-la.

Por isso, ela é um exercício de inteligência e um dos primeiros elementos de todo o progresso. “Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade”.

A fé também deve ser humilde e aquele que a possui coloca sua confiança no Criador mais do que em si mesmo. A fé sincera é sempre calma, dá a paciência que sabe esperar, porque tem seu ponto de apoio na compreensão. Na fé incerta, surge a ansiedade, revelando uma insegurança diante da força de Deus e de suas leis. E quando é movida pelo interesse, a pessoa tende a se tornar colérica e crê suprir suas necessidades pela violência. Por exemplo: ao se sentir intranquã e ansiosa, ela acredita que as coisas têm de acontecer segundo seus caprichos, da forma e no momento em que ela determina. A calma é sinal de confiança e de que a rogativa levada a Deus será ouvida. Já a violência é uma prova de fraqueza e dúvida sobre si mesmo e a Sabedoria Maior.

Se as pessoas fossem conscientes da força que têm em si e quisessem colocar sua vontade a serviço dela, seriam capazes de grandes realizações. Através de sua mente, o homem age sobre o fluido universal, modificando suas qualidades e dando-lhe uma impulsão irresistível. Aquele que junta ao fluido uma fé ardente, pode, apenas pela vontade dirigida para o bem, operar “fenômenos” que não são senão a utilização das faculdades mentais e a ação de uma lei natural. Mas para isso, é necessário domar a si mesmo e às más influências do pensamento. As maneiras mais eficazes são a vontade acompanhada da prece, a oração fervorosa e os esforços sérios como meio para a renovação íntima.

Ação e eficácia

Imaginar que é inútil fazer uma oração, expondo nossos sentimentos a Deus (sendo Ele conhecedor de nossas necessidades), assim como acreditar que nossos desejos

não podem mudar os destinos traçados pelo Criador, é desconhecer as leis e a misericórdia do Pai. Ele nos deu discernimento e inteligência para que o espírito não fosse um instrumento passivo, sem livre-arbítrio, portanto, nem todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade. Daí a grande importância da prece e sua capacidade de ação.

Seu poder está no pensamento e não se prende nem às palavras nem ao lugar ou momento em que é feita. A prece é uma invocação na qual podemos nos colocar em comunicação mental com outro ser ao qual nos dirigimos, estabelecendo uma corrente fluídica. A energia da corrente surge em razão do vigor do pensamento e da vontade. Como o fluido universal é o veículo do pensamento, essa substância primária (fluido) é impulsionada pela vontade, transmitindo a idéia até o seu destinatário.

As preces dirigidas a Deus são ouvidas

pelos espíritos encarregados de executá-las. Aquelas que são dirigidas a outros seres, como aos santos, por exemplo, são levadas até Ele por esses mensageiros, que surgem apenas na qualidade de intercessores, pois nada acontece sem a vontade do Pai.

Os espíritos benevolentes nos inspiram com bons pensamentos, para que possamos adquirir a força moral necessária para superarmos as dificuldades e voltarmos ao caminho do bem. Exercendo uma ação magnética sobre os homens, eles suprem, quando necessário, a insuficiência daquele que ora, dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, isto quando é julgado digno desse favor.

O homem coloca em prática os bons conselhos se assim o desejar, pode ou não aceitar a sugestão oferecida. Com isso, através de seu livre-arbítrio, ele tem a responsabilidade sobre seus atos e escolhas, deixando-lhe o mérito da decisão entre o bem e o mal.

As qualidades da prece

A prece pode ter como objetivo vários pedidos, como força para suportar e transpor as adversidades, calma nos momentos críticos e de decisão, perdão por faltas cometidas contra si e contra os outros, proteção contra os pensamentos maléficos, os maus espíritos e diante de um perigo iminente, saúde e equilíbrio físico, através da ação magnética que ela exerce sobre as células, recompondo aquelas que se encontram exaustas, um favor especial, em particular, agradecimento ou uma maneira de louvar a Deus.

A oração pode ser feita em benefício de outras pessoas ou a nosso próprio favor. Para que ela atinja seu objetivo, é necessário que seja clara, simples, concisa e fundamentada na fé. Devemos elevar nossa alma a Deus com humildade e agradecer por todos os benefícios recebidos, solicitar seu apoio, indulgência e misericórdia e, se houver necessidade, fazer um pedido es-

pecífico. Deve-se ainda lembrar sempre de reconhecer a intervenção do Altíssimo quando uma alegria nos chega ou quando um incidente é evitado.

Sem fraseologia inútil, cada palavra deve conter a sua importância, fazer refletir e elevar o coração com sentimentos nobres e sinceros. Algumas pessoas se utilizam de palavras decoradas, rígidas e determinadas, como se a oração fosse uma fórmula. Outras rezam por dever ou mesmo por hábito. Murmurar maquinalmente não é uma linguagem natural que surja espontaneamente do coração. O que Deus observa é o que está no íntimo, na veracidade de cada palavra, não o número de vezes que a prece é repetida. O Pai quer ouvir apenas a sinceridade de nosso coração, do contrário, não terá crédito algum.

No evangelho, os espíritos nos dizem: "A forma não é nada, o pensamento é tudo. Orai, cada um, segundo as vossas convicções e o modo que mais vos toca; um bom

pensamento vale mais que numerosas palavras estranhas ao coração”.

Conscientização

Mesmo sabendo dos benefícios e qualidades da prece, a solução de nossos problemas requer muito mais do que vontade e fé ardente. É indispensável o esforço no sentido da melhoria íntima.

Evocar a inspiração dos bons espíritos e pensar que “eles resolvem tudo” é não assumir sua responsabilidade como parte do processo. Essa atitude tende levar à acomodação. É necessário querer mudanças e fazê-las acontecer de forma direta, objetiva, consciente e responsável. Isto significa colocar em prática a modificação de certas atitudes, pensamentos e emoções negativas.

Revitalizar o ânimo e modificar as imagens do inconsciente que carregam tristeza, rancor, ódio, mágoa e medo é uma maneira de reorganizarmos essas emoções que nos fazem tanto mal. Esse recondicionamen-

to íntimo não se refere apenas ao ganho de virtudes interiores, como amar e perdoar, mas à conquista do comando consciente de nós mesmos e à descoberta dos potenciais que temos na mente, na vontade e na emoção.

Para conseguir isso, não bastam leituras e conhecimentos, é necessária a ação programada e permanente, isto é, disciplina e controle dos impulsos. Caminhar com passos firmes assegurados na fé é imprescindível, utilizar-se da prece durante a jornada é indispensável, mas estar atento ao lema “orai e vigiai” é prudente e de bom senso.

O Espiritismo

O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele não-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão, em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade.

A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento está personificada no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhum indivíduo, porque ele é o produto de ensinamento dado, não por um

homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, sobre todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários: é, de alguma sorte, um ser coletivo compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos homens o tributo das suas luzes para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera.

Da mesma forma que o Cristo disse “Eu não vim destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento”, o Espiritismo diz igualmente “Eu não vim destruir a lei cristã, mas cumpri-la”. Ele não ensina nada de contrário ao que o Cristo ensinou, mas desenvolve completa e explica, em termos claros para todo o mundo, o que não foi dito senão sob a forma alegórica; vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, pois, obra do Cristo que o preside, como igualmente anunciou, a regeneração que se opera, e prepara o reino de Deus sobre a Terra.

Allan Kardec
O Evangelho Segundo o Espiritismo

